



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM
LÍNGUA PORTUGUESA**

JÚLIA TRINDADE COUTINHO SILVA

**AS MARCAS DO PATRIARCADO:
Um olhar sobre Ernestina, no romance *A viúva Simões***

Palmas
2023

JÚLIA TRINDADE COUTINHO SILVA

AS MARCAS DO PATRIARCADO:

Um olhar sobre Ernestina, no romance *A viúva Simões*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba

Palmas
2023

JÚLIA TRINDADE COUTINHO SILVA

AS MARCAS DO PATRIARCADO:

Um olhar sobre Ernestina, no romance *A viúva Simões*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade *Campus* Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à obtenção do título de Licenciado(a) em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 02/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - *Campus* Palmas

Profa. Dra. Virna Lúcia Cunha de Farias
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Profa. Me. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - *Campus* Palmas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins**

S586m Silva, Júlia Trindade Coutinho
As marcas do patriarcado: um olhar sobre Ernestina, no romance
A viúva Simões : um olhar sobre Ernestina, no romance A viúva
Simões / Júlia Trindade Coutinho Silva. – Palmas, TO, 2023.
36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientadora: Dra. Nahete de Alcântara Silva Tamba

1. Patriarcado. 2. Literatura. 3. Viuvez. I. Tamba, Nahete de
Alcântara Silva. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

À minha mãe e inspiração que, sendo, me
ensinou a ser sempre valente e gentil.
Vânia, essa conquista também é sua!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jarbas Coutinho Silva e Vânia Maria Trindade Silva, que foram minha base mesmo antes de me conhecer. Agradeço por me ensinarem tanto do que sei e sou, por me acolherem em momentos difíceis e me inspirarem todos os dias: por serem meu ponto de paz. O orgulho de vocês é o meu maior objetivo!

Aos meus melhores amigos de sempre, Sabrina, Darnuyn e Gabriel, por se fazerem presentes desde as tardes de qualquer dia da semana para jogar “Bete” em qualquer rua da quadra, em meados de 2006, até os dias atuais, em que só podemos nas noites de sexta em uma mesa de bar para reclamar sobre a semana.

Especialmente ao irmão que a vida me deu, Gabriel Samora. Você sempre falou que eu conseguiria, e bem... acho que vou ter que admitir que estava certo. Obrigada pelos infinitos conselhos e todo carinho, cumplicidade e amor que sempre prevaleceu em nossa amizade.

Às minhas amigas, Ana Vitória, Juliana, Isadora e Iasmim: mesmo com a distância que os diferentes caminhos traçados exigem, às vezes, sempre demonstram preocupação e se esforçam para manter a amizade. Eu sei que o tempo não nos separa, obrigada pela segurança.

Aos meus companheiros de curso: “Baixo clero”, compartilhar essa experiência com vocês foi incrível, mesmo nos momentos mais complicados em que o espaço “da Maria” foi nosso refúgio. Principalmente a Lívia Mara e ao Paulo Lourenço, que me presentearam com *A viúva Simões*, obrigada por abrirem esse caminho para mim. Vocês são inesquecíveis.

À minha orientadora, Nahete de Alcântara Silva Tamba, que me apresentou a escrita de Júlia Lopes de Almeida, me inspirou a escrever sobre um tema que marca a minha (re)existência e mostrou que a pesquisa é muito mais que uma avaliação, é ser.

À publicidade - e agregados - da Secom. Por todos os momentos que entenderam essa fase da minha vida e mesmo no turbilhão de demandas me deixaram respirar, pois confiaram em mim. Agradeço por todos os ensinamentos dentro e fora da comunicação, pelas filosofias e músicas durante o expediente de sexta.

E a todos que direta ou indiretamente marcaram a minha trajetória até aqui. Eu consegui por vocês e com vocês.

*“me levanto sobre o sacrifício de um milhão de
mulheres que vieram antes e penso
o que é que eu faço para tornar essa montanha
mais alta para que as mulheres que vierem
depois de mim possam ver além
- legado”
(Rupi Kaur)*

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar e discutir as marcas que o patriarcado deixou na identidade feminina, tendo como *corpus* da pesquisa a personagem Ernestina da obra *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida. Esta foi fundamentada a partir das concepções, principalmente, das autoras: Saffioti (2015), Xavier (2006), Perrot (2005), Tamba (2015) e Trindade (2017), como forma de sanar a necessidade de conceituar e contextualizar, de maneira científica, as questões que envolvem o fenômeno apresentado.

Palavras-chave: Literatura. Identidade feminina. Sociedade.

ABSTRACT

This monograph aims to present and discuss the marks that patriarchy leaves on female identity, taking as a corpus of the research the character of Ernestina from the work "A viúva Simões" by Júlia Lopes de Almeida. This was based on the conceptions, mainly, of the authors: Saffioti (2015), Xavier (2006), Perrot (2005), Tamba (2015) and Trindade (2017), as a way to address the need to conceptualize and contextualize the issues involved in the phenomenon presented.

Keywords: Literature. Female identity. Society.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.....	11
2.1. Ser e escrever.....	11
2.2. A cadeira número 3.....	13
2.3. ... agora apenas viúva Simões.....	14
3. PATRIARCADO.....	15
3.1. O papel da mulher.....	16
3.2. O casamento.....	19
4. IDENTIDADE.....	22
4.1. Para sempre Simões.....	23
4.2. Maternidade.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	34

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *A viúva Simões* foi publicado no fim do século XIX, por Júlia Lopes de Almeida, e trata-se de uma obra com características do estilo realista. O romance tem como protagonista a personagem Ernestina Simões, viúva a menos de um ano que vive seu luto de acordo com os “comandos” sociais. No decorrer da narrativa a representação da sociedade da época - seus costumes, tradições e pensamentos - é um fator que se responsabiliza por revelar traços patriarcais de grande influência no percurso da obra. Por isso, muitas atitudes - ou falta delas - receios e pensamentos da viúva Simões apresentam problemas que serão norteados o estudo e escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A partir disso, este trabalho buscou analisar a forma como o patriarcado - estrutura social que se revela na concepção de superioridade do ser masculino sobre o ser feminino - influencia na identidade da viúva Simões por meio dos fatos relatados na obra. Para isso, fez-se uma contextualização sobre o objeto de pesquisa adotado, definindo tempo, espaço e principais personagens, da mesma forma, alguns traços pessoais da autora serão apresentados. Com isso, iniciam as definições dos termos que regem o estudo a partir da visão de estudiosos da área, tendo em vista relacionar à história em perspectiva. Por fim, foram verificados e discutidos os aspectos sociais encontrados durante a pesquisa.

Apresentar e discutir sobre um tema tão atual, mesmo que pela perspectiva literária do século XIX, e o que sustenta a relevância do desenvolvimento desta pesquisa. A literatura é uma arte essencial para a humanidade, já que apresenta recortes da sociedade, ainda que em sua forma distópica, ou seja, seu estudo diz sobre a sociedade real, conseqüentemente, abrindo portas para a reflexão e evolução humana.

Nesse sentido, foi necessário o uso de metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico, ou seja, os dados coletados serão a partir de materiais teóricos. Ainda, pode-se afirmar que trata-se de uma pesquisa básica e exploratória, já que trata-se de análise literária com foco em um elemento específico - Ernestina - para validação, ou não, de um fenômeno social - o patriarcado.

As considerações e objetivos apresentados até aqui foram colocados com o intuito de situar e introduzir o leitor acerca do assunto abordado na presente

pesquisa. Para prosseguir nos estudos que consolidaram esta pesquisa faz-se necessário definir alguns termos e conceitos que se perpetuam no decorrer do tema. Desta forma, compreende-se a importância de basear as ideias que serão apresentadas em teorias já consolidadas e comprovadas por especialistas nas áreas envolvidas, garantindo, portanto, maior qualidade científica ao trabalho.

Seguindo essa ideia, faz-se necessário deixar claro como a monografia foi estruturada: são 5 capítulos, ao todo, sendo o primeiro já apresentado e explicados. Dando continuidade, o próximo tópico busca nortear sobre a vida e trajetória da autora em questão, além de apresentar um resumo básico da obra. Em seguida, é feita uma análise sobre a narrativa em detrimento de conceitos teóricos voltados à identidade e patriarcado. Por fim, encerramos a monografia com as considerações finais, resgatando os objetivos e discussões da pesquisa.

2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Entender e discutir sobre uma obra, muitas vezes, requer conhecimento sobre o autor e todo seu contexto de vida e carreira. Por essa razão, esse será o conteúdo abordado neste capítulo.

No tópico 3.1 o foco é apresentar Júlia Lopes de Almeida como ser humano, sua trajetória como mulher que cresceu em uma sociedade do século XIX, se desenvolveu e fez do amor pela escrita a sua profissão, além disso, trazer os reflexos da sua vida particular em suas obras.

Dando continuidade, no segundo item, 3.2, a ênfase será na perspectiva social da época quanto a carreira da escritora, expondo os pontos. Por fim, em 3.3, terá um breve resumo sobre a obra *A viúva Simões*, visando introduzir ao leitor o contexto em que de passa a narrativa, facilitando, assim, a compreensão das discussões posteriores.

2.1. Ser e escrever

Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida nasceu em 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro, mas cresceu e concretizou suas primeiras memórias na fazenda de sua família, no interior de Campinas - SP. A autora nasceu no que popularmente chamamos de “berço de ouro”, ou seja, tinha boas condições financeiras advindas dos pais, o que proporcionou a ela, mesmo sendo mulher, o raro acesso à educação de qualidade.

O interesse pela leitura e escrita, por essa razão, surgiu cedo e já aos 19 anos de idade trabalhava como escritora declarada, ou seja, sem utilizar pseudônimos, algo muito raro para a época, e essa não foi a única expectativa que Júlia quebraria. Em 1886, mudou-se para Lisboa, Portugal, e ali publicou seu primeiro livro infantil, *Contos Infantis*, que deu a ela o título de pioneira da literatura infantil brasileira. Nesta mesma época casou-se com o poeta português Filinto de Almeida e logo publicou outra obra, desta vez para o público mais velho, *Traços e iluminuras*.

Filinto foi jornalista e, como já dito, poeta português, que se destacou por compor grande parte de suas obras com uma roda de amigos, entre eles: Olavo Bilac, Paula Ney, Artur e Aluísio Azevedo, que não eram conhecidos por ter boa fama, no que se diz respeito a modos de vida, costumes e outros. Isto teve grande influência na primeira viagem de Júlia a Europa, sendo uma tentativa da família de impedir o romance dos jovens. Plano esse que fracassou, visto que, logo após a primeira publicação, o rapaz voltou a Portugal com o intuito, bem sucedido, de casar-se com ela.

Entre viagens, recordações e memórias, Júlia deixou sua marca no mundo através das histórias escritas em diferentes gêneros literários, protagonizados por tantos personagens e com conteúdos ricos de ideais que ultrapassaram aquele período. Talvez sem ter noção da luz que deixou no início de um longo caminho para dignidade feminina, ela se foi no dia 30 de maio de 1934, vítima de malária.

A escritora foi eternizada em suas histórias e delas pode-se notar diversas características únicas que foram responsáveis por sua permanência. Sharpe (2004), até afirma que as obras evoluem junto a mulher que ela se tornou e consegue identificar três fases:

Fases que correspondem respectivamente a três épocas distintas na vida da escritora: sua infância no Rio de Janeiro e adolescência em Campinas; a mudança, com a família, para a cidade de São Paulo, depois de ter iniciado sua carreira literária, no final do século XIX, e, por último, os anos de amadurecimento como escritora e mulher, vividos no Rio de Janeiro e Europa. (Sharpe, 2004, p.189)

As obras apresentam uma escrita fácil e muito representativa do Brasil - tradições, ambientação, costumes - outro ponto que deve ser observado é a facilidade que Júlia tem ao explorar tanto e com tamanha criticidade, não apenas o universo feminino, o masculino. Portanto, não é absurdo quando renomados estudiosos se posicionam positivamente quanto às suas criações, ultrapassando as

fronteiras, uma delas em carta, inclusive, do professor norte-americano, John Casper (1933), que elogia “há poucos escritores brasileiros que pintem tão facilmente e em estilo tão agradável os costumes do país. É ela uma artista de que qualquer literatura poderia se orgulhar.”

2.2. A cadeira número 3

A escritora, como já dito, foi marcante na história por trazer muitos traços críticos nas entrelinhas de suas narrativas, assuntos que eram *tabus* para a sociedade daquele momento. Desta forma, é fácil afirmar que Júlia sempre defendeu temas como a educação formal feminina e direitos civis.

No entanto, se as mulheres são intelectualmente inferiores aos homens, por que lê-las? Ou melhor, por que dar a elas espaço para criação literária? Segundo Tamba (2015, p. 14), esse foi o pensamento que conduziu o cânone a ser composto apenas por homens brancos e burgueses durante muitos anos e impediu que o nome Júlia Lopes de Almeida ocupasse uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Mesmo sendo presente em diversas reuniões e cooperando para a criação e desenvolvimento da instituição, que foi fundada, oficialmente, em 1897, a autora não pôde contar com o reconhecimento dos demais envolvidos. Nascimento (2021), afirma que a ABL se desenvolveu seguindo os moldes franceses, isso em perspectiva, em concordância com o fato da sociedade brasileira da época ser extremamente conservadora e sexista, resultou na concessão da terceira cadeira na academia ao seu marido, Filinto de Almeida.

Ainda que a desvalorização constante da sociedade, o episódio relatado com a ABL, Júlia nunca se curvou ao patriarcado enraizado, ao contrário, continuou e reforçou seu trabalho a partir da literatura, conferências e diversos projetos “a fim de conscientizar as mulheres sobre seus papéis de emancipação perante a sociedade misógina da época” (Nascimento, 2021).

Como mencionado no artigo de Nascimento (2021) apenas no ano de 1977, um século após a criação da ABL, a instituição aceitou em seu corpo uma mulher, essa foi Raquel de Queiroz. Isso foi - ainda que mínima - uma vitória feminina.

2.3. ... agora apenas viúva Simões

A *viúva Simões* é um romance que foi publicado em 1897, detém características que configuram o realismo, movimento literário que ganhou força no Brasil do século XIX, que surge como oposição ao romantismo, portanto, voltava seu olhar para as condições de existência e as relações humanas. As obras nesse momento, em geral, apresentavam diversas denúncias sociais, nessa que é o *corpus* deste estudo não poderia ser diferente, e as maiores marcas encontradas e que serão objetos de discussão a partir de então são as que revelam o patriarcado presente naquele contexto.

A narrativa em prosa é ambientado no Rio de Janeiro e tem como personagem principal Ernestina Simões, uma senhora de 36 anos, viúva e mãe de uma adolescente chamada Sara, que é seu maior amor e preocupação, pertencente a uma boa classe social devido às posses deixadas por seu falecido marido, mas ainda sim sofre com as pressões e expectativas da sociedade da época sobre ela, seu luto e a maternidade.

Logo no início do enredo, um antigo amor ressurgiu do exterior e causando grande confusão e aflição para a personagem principal, onde por um lado ela devia seguir “regras” implicitamente impostas a sociedade da época, além das preocupações em torno de uma nova figura masculina para sua filha, mas também se via balançada a reviver o romance. Ela se vê em uma posição vulnerável, lutando para manter sua independência e *status* social nesse contexto patriarcal.

A trama se desenvolve apresentando temas como papel da mulher na sociedade, o poder do dinheiro e a pressão social sobre as viúvas neste recorte temporal. A narrativa pode ser considerada um reflexo das complexidades nas relações sociais e de gênero no Brasil do século XIX, e Júlia Lopes de Almeida utiliza a personagem principal para explorar essas questões de maneira sensível e crítica.

O que foi apresentado até aqui visou situar o leitor acerca dos contextos que circundam e agregam a obra, com o objetivo de que as discussões fiquem claras. Desta forma, nos próximos capítulos, o foco passa a ser do romance *corpus* da pesquisa.

3. PATRIARCADO

Júlia Lopes de Almeida apresenta um romance ambientado no Brasil e, cronologicamente, no século XIX, que visto de uma perspectiva de abordagem de gênero, os valores patriarcais eram seguidos à risca, um modelo para a sociedade da época. A partir dessa visão, podemos perceber essa cultura como algo que se perpetua socialmente, de forma a diminuir o valor feminino. Sabadell (2017), conceitua patriarcado como:

O **patriarcado** consiste em “uma forma de relacionamento, de comunicação entre os gêneros, caracterizada pela dominação do gênero feminino pelo masculino”, com predomínio dos valores masculinos fundamentados em relações de poder. Nas relações sociais, entre homens e mulheres, “o poder se exerce por meio de complexos mecanismos de controle social que oprimem e marginalizam as mulheres.” (Sabadell, 2017, p. 231 *apud*. Ribeiro, 2021, p.14)

Tendo esse conceito em perspectiva, entende-se a posição inferiorizada da mulher no período em que se passa a obra que pauta esse estudo. A partir disso é possível afirmar que esse processo de dominância ocorre de diversas esferas sociais, por exemplo em “instituições como a família, as religiões, as escolas e as leis que impõem uma concepção de que a mulher é naturalmente inferior”, segundo Junior, Melo e Diane (2021).

Assim, nesse momento da história a distinção entre os gêneros era algo naturalizado para grande parte da sociedade da época, onde o homem crescia com ensinamentos que o colocavam no poder de dominador, enquanto às mulheres eram atribuídos papéis que inferiorizavam-nas e as reduziavam a submissão daqueles que as “possuíam”.

Desta forma, este capítulo visa explorar a obra e expor as marcas encontradas nela que demonstrem como, na prática, o patriarcalismo se constitui dentro da sociedade brasileira no século XIX, tendo como foco a perspectiva de Ernestina nesse contexto.

A partir de então o capítulo se desdobrará em dois subtemas, sendo o próximo, 4.1, intitulado “O papel da mulher”, tendo em vista como o feminino é condicionado a determinadas posições dentro de uma sociedade estruturada com base no patriarcado. Logo a seguir, no item 4.2, “O casamento”, será discutida a forma em que se dá a relação conjugal nesse mesmo contexto.

3.1. O papel da mulher

“A viúva já não tinha a frescura da primeira mocidade, mas era ainda uma mulher bonita” (Almeida, 2019, p. 7), assim se inicia a descrição da protagonista no livro e pode-se perceber, em alguns recursos linguísticos, o menosprezo ao se referir sobre algumas marcas do tempo explícitas no corpo de Ernestina. A seguir será citada a continuação dessa exposição da personagem:

A sua carne já não tinha a rijeza do pomo verde, que resiste à dentada, e caía sobre ela todo um ar de moleza, de doce cansaço, que lhe quebrantava a voz e o gesto. Vinha dela um encanto esquisito e delicado, que ninguém afirmaria dizer ser da pureza das suas linhas ou da maneira que tinha de andar, de sorrir ou de dizer as coisas. (Almeida, 2019, p. 7)

Perrot (2005) afirma que o corpo feminino não pertence, socialmente, às próprias mulheres e isso se torna claro a partir de pontos, como os apresentados acima, que demonstram a influência do patriarcado na individualidade do corpo feminino. Ainda segundo a autora, o físico da mulher dentro da família é de propriedade do marido que se apodera com sua “potência viril”, posteriormente passado aos filhos que têm grande demanda sobre elas e fora dos laços familiares, na sociedade, ao “senhor”, ou seja, o poder que se materializa nos valores patriarcais. Sobre isso, Saffioti (2015) afirma:

O saldo negativo maior é das mulheres, o que não deve obnubilar a inteligência daqueles que se interessam pelo assunto da democracia. As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos e apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem sua força e coragem. (Saffioti, 2015, p. 37)

Desta forma, segundo a autora, a mulher lida com maiores consequências nesse meio cultural, o que reflete de maneira imediata em suas ações, escolhas de falas, roupas e, até, decisões sobre sair ou não a algum lugar. As mulheres são criadas entendendo e desenvolvendo comportamentos que demonstram que o seu lugar no mundo deve ser no privado, enquanto o masculino, um lugar de privilégio.

Na narrativa, isso pode ser percebido já no início, onde o narrador observador descreve sobre sua vida social após a morte de seu marido e a forma como Ernestina se sente quanto a isso a partir do seguinte trecho “Em vida do marido, frequentara algum tanto a sociedade; mas depois que ele partiu sozinho para outro mundo, ela encolheu-se com medo que se discutisse lá fora a sua reputação, coisa em que pensava numa obsessão quase nevrótica.” (Almeida, 2019, p. 05).

O excerto apresentado acima comprova a afirmativa de Saffioti (2015) e, ainda, reforça o poder que a sociedade exerce sobre as atitudes do feminino fazendo delas marionete que devessem seguir as implícitas regras determinadas, como se fizessem parte de seu ser.

Essa fundamentação leva a entender que dentro do sistema patriarcal a mulher é designada a assumir as responsabilidades de um papel que serve a personalidade central desse mesmo sistema, o homem. Assim, ela deve se preocupar em estar dentro dos padrões de beleza que prezam pela juventude, físico delineado - mas não pode ser tanto. A falta de propriedade sobre si também é evidenciada quando, no primeiro momento em que a viúva demonstra interesse em sair, ela se vê em um dilema ético sobre suas vestimentas.

A lã preta repugnou-lhe; aquele traje áspero e triste não era o que seu corpo desejava. [...] Abriu a gaveta das joias [...] Mas sobre a lã, as joias iam mal, e o mundo impedia-lhe de as trazer com o luto. Toda de preto parecia mais magra e menos bonita. Exasperou-se. Achou o vestido medonho e o chapéu detestável! (Almeida, 2019, p.39)

No episódio citado acima, Ernestina estava se arrumando para um passeio com sua filha ao centro da cidade e ela mesma se vê presa às expectativas patriarcais impostas sobre ela, onde, mesmo não sentindo-se bem, devia seguir daquela forma. Esse é um fato tão enraizado que ela propaga para Sara, a filha da senhora, que já se acostumou com a obrigação de “vestir o luto” e, quando no passeio, passam por uma loja de tecidos e pede opinião da mãe sobre um de cor azul e outro em tons de cinza e branco, se espanta quando a mulher afirma que prefere a primeira cor.

Além disso, as autoras Junior, Melo e Diane (2021) dissertam sobre a sociedade do século XIX se estruturar com base em costumes machistas, opressores e contraditórios, assim, regulando as relações a partir de ideais como os “bons costumes” e “valores tradicionais das famílias”. Ideais esses que interferem, no decorrer da história, principalmente no bem-estar feminino, colocando-as numa posição de desenvolvimento voltado para obrigações domésticas e submissão ao homem.

[...] não desmerecer nunca do conceito de boa dona de casa. Levantava-se cedo; percorria o jardim, a horta, o pomar, o galinheiro; censurava o hortelão pelo menor descuido; viagem até as mais insignificantes ninharias [...] No interior era um chuveiro de recriminações. A cozinha tomava-lhe horas. [...] E era assim por todos os compartimentos, minuciosa, ativa e severa. (Almeida, 2019, p.6)

Ainda que estando no papel de ordenar, a senhora Simões dedica-se inteiramente por preservar a integridade da casa, exercendo, portanto, um papel de *menagère* exemplar que não abre mão. Mais a frente, o narrador expõe sua indignação com a própria falta de métodos com os cuidados domésticos, mas mesmo apenas “manda” já esvai todo tempo de seu dias. Vale ressaltar que neste trabalho estamos tratando de uma obra do movimento literário realismo, portanto, a narrativa se centraliza em problemas enfrentados pela população burguesa brasileira durante a época.

A condição feminina desse recorte histórico tem direta ligação à falta de estudo igualitário e de qualidade, visto que, para a sociedade da época, isso não deveria ser um foco para as mulheres. Portanto, mesmo aquelas que conseguiram acesso à educação, não a tiveram de forma proveitosa, onde puderam desenvolver senso crítico. Sobre isso, as autoras Junior, Melo e Diane (2021), afirmam:

[...] a educação destinada às mulheres, naquele período, não propiciava um pensamento crítico acerca de sua condição, assim, a elas cabia uma posição de inferioridade. Portanto, a figura feminina não possuía direitos legais e sequer representatividade, limitando a mulher somente ao espaço doméstico e familiar, em contrapartida o espaço público era predominantemente dominado pelo homem. (Junior; Melo; Diane, 2021, p. 3)

Consoante a ideia trazida pelas autoras citadas, pode-se reforçar, portanto, que o papel da mulher do século XIX se firma unicamente na submissão perante o homem, onde desde a infância os ensinamentos a elas repassados se baseiam em utilidades domésticas e de cuidado para com sua família. Ainda que elas tenham acesso à educação com foco científico, isso não é incentivado como um objetivo principal de vida. Sobre isso, Hollanda (2018) confirma:

[...] o poder é reservado aos homens em todos os níveis, enquanto as mulheres sofrem sob estereótipos e idealizações também naturalizadas. [...] O ato de naturalizar corresponde a um procedimento moral e cognitivo que se torna hábito. Por meio dele passamos a acreditar que as coisas são como são e não poderiam ser de outro modo. Nem poderiam ser questionadas. (Hollanda, *et al.*, 2018, p.63)

Segundo a autora, esse processo de anulamento feminino de si, se materializa e torna-se natural, algo que não se pode mudar e, em hipótese alguma, questionar o porquê. Isso evidencia-se na obra quando, logo após um jantar que Ernestina deu para Luciano, onde ela finalmente rendeu-se a esse amor e decidiu que não o abafaria mais, ela volta ao seu quarto - e do falecido marido - e o narrador

revela que “até seus gestos, as suas palavras e o seu modo de pensar refletiam particularidades dele” (Almeida, 2019, p. 55).

Em diversos momentos da obra, corpus deste estudo, é possível perceber certa indignação da viúva Simões quanto aos costumes e tradições que não correspondem aos seus sentimentos e ideais de vida, entretanto, esses lapsos de resistência são logo cortados e muitas vezes, a partir de atitudes de sua filha Sara, é possível ver que a educação baseada nas tendências patriarcais que, até então, a mãe sempre prezou por passar a menina, voltam-se contra ela. Como quando, na manhã seguinte ao jantar citado acima, a mulher alivia o luto, usando uma roupa mais clara e isso deixa a adolescente admirada e ofendida, trazendo o seguinte diálogo:

- Ainda não há um ano e *mamã* já usa branco?!
- O luto é uma tolice... creio que já dei uma satisfação à sociedade...
- De rigor é um ano.
- Não é na roupa que está o sentimento, é no coração.
- Eu sei... mas... gostava que *mamã* fizesse como as outras... (Almeida, 2019, p. 55)

Assim, os reais desejos e aspirações da mulher são constantemente deixados de lado para dar lugar às tradições patriarcais, tornando-as seres dependentes da figura masculina. Isso ocorrendo, primeiramente, com contato paterno, e posteriormente, como condicionadas a firmar casamento, - que só ocorreriam com indivíduos do sexo oposto, configurando um relacionamento heteronormativo, e estes deveriam ter boas condições financeiras para manter elevados os padrões da família - com seus maridos e filhos.

Para dar maior ênfase sobre a relação conjugal, foi destinado um espaço específico neste estudo para essa discussão. Portanto, o próximo item apresentará a temática do casamento, elencando pontos teóricos e relacionando-os aos fatos descritos em *A viúva Simões*.

3.2. O casamento

De acordo com Engels (1987, *apud*. Xavier, 2006, p.8) o termo “família” tem sua origem do romano *famulus* e seu conceito estava ligado à relação de dominância de um chefe para com sua mulher, filhos e escravos. Apesar de, com o passar do tempo, o significado passar a carregar um peso mais sentimental, seu sentido original se perpetua de forma implícita na sociedade.

Paralelo a isso, Xavier (2006) descreve o casamento, principalmente durante os séculos XVI e XIX, como um “contrato socioeconômico” que não tem como prioridade o afeto nem questões sexuais, fato esse que é narrado em todo o decorrer do romance, quando nota-se as questões que envolvem o casamento da viúva Simões, como:

O plano fora seu; queria casar, ser rica, vingar-se de Luciano que a perseguia sempre nos bailes, nos teatros e em toda parte, e que afinal, sem nenhuma explicação, deixava-a para ir à França! O comendador Simões tinha sido um bom marido [...] sempre pronto a dar-lhe tudo quanto ela desejasse (Almeida, 2019, p.16-17)

No trecho citado acima é possível relacionar a questão apresentada e defendida por Xavier (2006), uma vez que Ernestina Simões casou-se prevendo a melhoria de sua condição financeira e, como adicional para a narrativa, vingança pela mudança, sem aviso prévio, de seu verdadeiro amante, Luciano. Cabe lembrar, também, que a sociedade da época impunha o casamento como uma obrigação às mulheres, ou seja, Ernestina entende e aceita que esse deve ser seu destino e, se não pôde ser com seu verdadeiro amor, seria com aquele que lhe proporcionasse uma boa vida.

Porém, convém discutir sobre o pensamento patriarcal da necessidade da mulher em constituir família, ou seja, Ernestina se viu só, abandonada por aquele que a fazia atingir as expectativas que a sociedade tinha sobre ela, afinal, qual seria a utilidade de uma mulher adulta que não arranjou um homem para ser servir, uma casa para coordenar e filhos para cuidar?

Apesar de vários momentos da narrativa afirmarem que o casamento da senhora foi consentido por ela, ainda que se concentrasse apenas na vingança e ascensão de classe social, ao compreender o pensamento de como e o porquê das uniões conjugais, torna-se coerente dizer que esta união também foi uma forma compactuar com o sistema patriarcal.

Ao casar-se uma mulher deve ser colocada em posição de submissão, a partir daí ela deixa de ser posse de uma figura paterna e passa a ser de seu marido, como um objeto, um presente de homem para homem. Em determinado momento da obra, quando se descreve o cotidiano dos moradores da casa dos Simões, o narrador revela que a viúva sente-se cansada e confusa com a pacatez de sua vida e justifica isso com o seguinte trecho “A verdade era que a viúva, além do medo de comprometer a felicidade da filha, sentia preguiça de cortar de uma vez aquele

sistema recolhido da vida, iniciado pelo marido um pouco ciumento” (Almeida, 2019, p.7).

O excerto apresentado evidencia a característica de posse que existe entre o homem e a mulher dentro da família que foi definido no início deste tópico por Engels (1987, *apud*. Xavier, 2006, p.8). Logo, Ernestina foi condicionada a reproduzir o modelo de vida de seu parceiro, uma vida sem muitas saídas e poucos amigos, além disso, era dever dela aceitar e entender seu ciúmes, sentimento esse que, muitas vezes, revela o pensamento existente de poder de uma pessoa sobre a outra.

Mais a frente, no decorrer do enredo, o narrador reforça essas características dentro do matrimônio dos Simões “O esposo fora um bom homem, embora genioso e um pouco violento; ela era grata à sua memória e sentia-se feliz por tê-lo estimado com sinceridade, fidelidade” (Almeida, 2019, p.11).

É interessante perceber também as escolhas linguísticas da autora, sempre que são dadas características que têm valor de defeito, estas são precedidas por termos que diminuem sua potência. No caso dos últimos dois excertos citados, é usado o “um pouco” antes de “ciumento” e “violento”, isso surge como forma de suavizar e demonstrar a naturalidade em que essas atitudes são percebidas pela sociedade e praticadas nela.

O padrão marital burguês, baseado nas idéias tradicionais do homem protetor e provedor e, acima de tudo, no mito da felicidade conjugal através do amor, surge no Brasil em meados do século XIX, substituindo o casamento como vínculo político, econômico, articulado à procriação. Com o casamento burguês, surge a glorificação do amor materno e a figura da mulher como “rainha do lar”. (Xavier, 2006, p. 10)

Segundo Xavier (2006), outro ponto que pode-se analisar, ainda sobre a última citação, diz respeito ao orgulho da mulher em falar sobre sua fidelidade, isso porque dentro do casamento, essa é uma obrigação que cabe a mulher seguir, ela deve sustentar deveres domésticos, maternos, fiéis, tudo com doçura e delicadeza. Em contrapartida, cabe ao homem proteger e prover bem-estar financeiro à família.

Isso se sustenta mesmo após o falecimento de seu marido, quando, ao saber que Luciano havia voltado à cidade, Ernestina se vê em um turbilhão de sentimentos, já que esse fato, definitivamente, despertou o amor antigo que existe nela, entretanto como uma tradicional esposa padrão daquele século, ela devia fidelidade ao esposo, ainda que morto, e mais precisamente a preservação da percepção da sociedade quanto a sua família, já que “ela tinha uma filha moça, a

responsabilidade de seu nome e da sua casa.” (Almeida, 2019, p.12). Entretanto, aos poucos a resistência da viúva perde a força dando espaço para nutrir os sentimentos por Luciano, pode-se perceber isso a partir do seguinte trecho:

O caráter de Ernestina ia se transformando rapidamente. Depois da visita de Luciano, ela passou uns dias muito sombria e ríspida, indignada consigo mesma contra as ideias que iam lhe nascendo como rebentões novos em tronco maduro [...] Enraivecia-a a lembrança da sua fraqueza e condescendência, deixando Luciano recordar coisas antigas e perigosas... (Almeida, 2019, p.34)

Novamente faz-se necessário observar a escolha de palavras da autora, visto que, ao usar o termo “caráter” para se referir ao fato de Ernestina estar se rendendo a sentimentos que ela não conseguiu evitar, novamente Júlia Lopes dá ao narrador uma voz como se fosse da própria sociedade, colocando à prova o papel que a viúva deveria desempenhar e mesmo que ele tenha sido cumprido por anos está sendo deixado de lado com rapidez indevida.

4. IDENTIDADE

A partir do entendimento sobre o discurso patriarcal, é interessante trazer também como referencial teórico a noção sobre identidade. A cultura de uma sociedade influi diretamente na forma de pensar de cada ser, desta forma, pode-se dizer que a identidade individual é moldada a partir de princípios sociais.

Segundo Woodward (2009) “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social”, isso significa dizer que um sujeito pode usar um elemento com o intuito de afirmar sua posição em relação à sociedade. Um exemplo disso, trazido pela autora, seria o uso de cigarros, que reforça uma ideia de masculinidade, de certa forma.

Por outro lado, a luta pela reafirmação de uma identidade pode implicar em consequências como conflitos entre grupos, turbulências econômicas e, até, desigualdade de gêneros, como é o caso do tema dessa proposta de pesquisa, o patriarcado. Sobre isso, Rutherford (1990), citado por Woodward (2009) afirma:

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos (...) a identidade e a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. (Rutherford, 1990, p. 19-20, apud Woodward, 2009, p.19)

Os diversos grupos da sociedade constroem suas identidades a partir de suas realidades e ideais econômicos e políticos. A afirmação acima, de Rutherford (1990),

confirma, então, a ideia de que há fatores externos que são capazes de moldar a identidade de um indivíduo. No caso, em uma sociedade com princípios baseados no patriarcalismo, mesmo os menos favorecidos por esse sistema - o feminino - serão condicionados a repetir determinados comportamentos e/ou discursos.

Assim, cabe colocar que essa estrutura social acaba não apenas colocando a mulher em um local de inferioridade, mas também, invisibilizando-a, como discutido em alguns momentos no capítulo anterior. Portanto, ao entender esse condicionamento que acaba por afetar a maneira de pensar e agir de todas as camadas e indivíduos dentro de uma sociedade, podemos deduzir, então, que o próprio feminino se coloca como sombra de todos aqueles que estão em um “nível superior”, ou seja, sua identidade, muitas vezes, se perde por uma necessidade própria de elevar o outro.

Tendo em vista esse panorama geral sobre a identidade feminina em uma sociedade em que o patriarcalismo predomina, será discutido, então, sobre aspectos mais específicos que influenciam nessa perda do “eu” com base na obra. O capítulo se desdobrará em dois tópicos, tendo como foco o primeiro, a maternidade, e o segundo a viuvez, em ambas as discussões serão feitas a partir de relações entre ideias de teóricos e seus estudos a momentos descritos no livro.

4.1. Para sempre Simões

Um aspecto que evidencia a influência sobre a identidade - ou perda dela - de Ernestina é o fato de ser uma mulher viúva, portanto, a responsável dentro de seu círculo familiar e doméstico. Tendo em vista, os pontos já citados sobre a cultura patriarcal, pode-se imaginar os desafios dessa responsabilidade sobre uma mulher do século XIX nessa gestão.

Segundo Trindade (2017), a viuvez é uma condição que surge como substituta do casamento, ou seja, uma necessidade de manter a mulher presa aquela figura masculina de marido que, mesmo não estando mais vivo, tem sua posse. Portanto, pode-se afirmar que Ernestina casou-se com uma intenção de aceitação social e assim tornou-se objeto de seu homem, quando este faleceu, o *status* de esposa foi trocado pelo de viúva como uma forma de anulamento da identidade feminina onde ela deve manter-se fiel e submissa a seu falecido marido - ou “dono”.

Na obra, a protagonista recebe diversas descrições sobre seu corpo, idade, vestes e outros aspectos sobre seu físico, porém, entre todas essas características algo simples como o seu primeiro nome só é revelado quando pronunciado por um homem, Luciano, seu amor de juventude, aquele que fora seu noivo.

Esse fato reafirma o poder que o sistema patriarcal exerce sobre a identidade da mulher, já que essa revelação é feita propositalmente nesse momento para enfatizar o fato de que Ernestina perder seu “eu” para o marido, filha e sociedade, ela era apenas a “viúva ou senhora Simões”, até que um homem o pronunciasse.

Ainda que a volta de Luciano tenha sido um fato que deixou a senhora Simões confusa entre ceder aos seus sentimentos ou manter a sua postura enquanto viúva, na maioria das vezes ela se rende ao sistema. Em um momento de reflexão sobre sua primeira conversa direta com o amor do passado, ela se culpa por deixá-lo relembrar experiências vividas pelos dois como casal, “As coisas agora eram bem outras! Ainda há pouco tempo não saía de casa e impunha à filha, rigorosamente, todos os preceitos e tristeza do luto.” (Almeida, 2019, p.34).

Apesar dos receios quanto às formas de se portar, vestir, falar e simplesmente existir sendo uma mulher que carrega o peso da maternidade e viuvez e que deve sustentar isso, em determinados momentos o narrador expõe suas aflições por esse estilo de vida que ela se sente pressionada a levar por precisar da aceitação social.

Estava num dos seus momentos de melancolia; almejava qualquer coisa que ela mesma não sabia definir. Era a revolta surda contra a pacatez da sua vida sem emoções, contra aquele propósito de enterrar a sua mocidade e a sua formosura longe dos gozos e dos triunfos mundanos. (Almeida, 2019, p.7)

Mesmo sendo atormentada com os costumes que sentia necessidade de seguir, a viúva Simões contentava-se em lamentar-se apenas a si mesma, já que, além de precisar transmitir à sociedade sua posição de mulher enlutada, também precisava educar sua filha a se portar desta mesma maneira, seguir os preceitos determinados pelo grupo social.

Entretanto, com a chegada de Luciano a cidade, a frieza e calculismo da senhora para manter presente e visível as marcas do patriarcado em sua identidade, aos poucos foi perdendo a força. Os sentimentos que Ernestina reprimiu desde sua adolescência, quando ele a abandonou sem explicações, voltaram de maneira que não foi possível conter.

Ela queria viver com ele o que sempre idealizou, um casamento constituído em respeito e fidelidade. Ele, por sua vez, já não a via como noiva ou futura esposa, porém a idade fez “bem” a ela, conservava-se uma bela senhora e isso interessava a ele, torna-se nítido em uma conversa dele com Rosas, um antigo amigo e ele a define como “ainda fresca! Bonita!” (Almeida, 2019, p. 23), segundo Trindade (2017), as intenções de Luciano sempre tiveram carga maliciosa durante o enredo e completa:

A conversa indica que o interesse de Luciano por Ernestina era, meramente, uma atração voltada à satisfação de seus desejos. Reforçando o caráter contraditório de Luciano, convém relatar que após o curto diálogo acima os dois tiveram uma longa conversa sobre o motivo por que Dias não quisera se casar com Ernestina no passado, e o rapaz assumiu que não se casou porque era moça pobre, mas agora herdara uma grande fortuna de seu falecido marido. (Trindade, 2017, p. 11)

Essa representação faz referência a forma como homens no geral vêm as mulheres, principalmente durante o século XIX, o papel feminino estava ligado a forma como se estabelecia sua atuação social, cultural, política, econômica e até mesmo religiosa. Sobre o condicionamento feminino, Carrijo (2013), afirma:

Durante muito tempo, a consumação máxima do destino da mulher implicava a ocorrência do casamento [...] Desde menina a mulher é convidada a ver de bom grado, nas brincadeiras infantis, a realização de atividades domésticas e obrigações maternas [...] e eram condicionadas a tal situação através de um arsenal de brinquedos de utensílios domésticos produzidos em forma de brinquedos para meninas. (Carrijo, 2013, p.146 apud. Trindade, 2017, p. 12)

Portanto, assim como as mulheres desde a infância são condicionadas a se moldarem e servirem de acordo com essa “imposição”, os homens são ensinados que devem ser servidos e repudiar mulheres que fujam desse padrão.

Consoante a isso, Luciano Dias vê a antiga amada - agora tendo mais condições financeiras e prestígio social - como um troféu que representa mais uma conquista em sua vida, tendo em vista que Ernestina prezava por esses pilares, então, tê-la aos seus pés é sinônimo de vitória e satisfação de seus desejos carnis. Quando a viúva finalmente decide viver com intensidade e sem se importar com o que a sociedade espera dela, Dias se vê apaixonado por outra, mais nova, bonita, igualmente rica e outra Simões.

A partir daí o triângulo amoroso, já revelado anteriormente neste estudo, se forma e a relação entre Ernestina Simões e Luciano Dias acaba por romper um laço existente entre as Simões. Na sequência de fatos da narrativa, acontece a confissão

de mãe e filha de amarem o mesmo homem, que, como já discutido, levou Sara, a filha, à loucura e a condenou à cadeira de rodas.

É interessante perceber como o masculino é poderoso em uma sociedade patriarcal, visto que, em tese, a relação entre mãe e filha é popularmente definida como de um amor incondicional e imensurável, mas ele conseguiu desgastá-la. Além disso, a autora determina esse fim trágico, não como uma forma devida de consequência à Ernestina Simões, mas sim como uma punição que já é feita socialmente, portanto, esse fim seria o ideal para uma mulher que não segue as condições estabelecidas a ela numa visão patriarcalista.

4.2. Maternidade

Em uma sociedade patriarcalista, para a mulher a maternidade diz respeito a abdicar de sua individualidade eternamente a partir dali e viver em função de seu filho ou filha. Isso comprova-se na narrativa quando o narrador descreve o sentimento angustiante que Ernestina carrega por tentar cumprir esse papel para sua filha, Sara.

Ela já tinha uma filha, Sara, que era seu conforto e sua agonia. Por causa dela, renunciava aos divertimentos do mundo, exagerando suas atribuições caseiras. Tinha medo de apaixonar-se um dia, fugia do perigo de amar, de trazer para casa [...] um padrasto para sua filha. (Almeida, 2019, p.6)

Nesse momento fica evidente que a senhora se anula para o que ela imagina ser melhor para filha, no entanto, essa ideia de que abdicar de si é o certo a se fazer vem dessa construção do “ideal materno” que o grupo em que ela está inserida acredita. Paralelo a essa ideia, Rubin (1984, *apud*. Kimura, 1997, p. 340), a construção dessa identidade, apesar de ter reflexo apenas na relação particular e única entre mãe e filho(a), há influência direta do grupo social em que estão inseridas, a cultura desse grupo impõe suas expectativas de comportamentos maternos na mulher que torna-se mãe.

Segundo Kitzinger (1978, *apud*. Kimura, 1997, p. 339) a maternidade é um processo que transforma de maneira drástica a identidade da mulher, iniciando-se desde o parto, já que afeta a relação entre ela e seu parceiro - quando este é presente - o ciclo social em que estão inseridos e redefine a visão que essa mãe terá de si, visto que, agora ela deverá cumprir papel de mãe de acordo com o que se espera dela.

A obra representa, em alguns momentos, essa transformação que acontece na relação entre mãe e pai pela maternidade. Isso pode ser percebido em trechos onde o narrador retoma lembranças da protagonista com seu falecido marido, por exemplo, ao relembrar os primeiros anos de vida da filha compartilhados com o senhor Simões.

O tempo e a convivência desvaneceram o desamor da esposa. O nascimento de Sara acabou de solidificar a aflição de Ernestina pelo marido. O pensamento de ambos convergiam para a pequenita; tinham ambos o mesmo cuidado, encontravam-se ao mesmo tempo a beijar o mesmo rosto ou embalar o mesmo berço... As suas conversações mais intimamente doces eram respeito da Sarinha, vendo-a brincar dos joelhos de um para os joelhos de outro [...] (Almeida, 2019, p.17-18)

Tendo em vista o início do relacionamento entre Ernestina e o comendador Simões, que firmou-se por uma ambição dela em efetivar as tradições da época de casar-se - com um parceiro de boas condições para mantê-la - e constituir família, a mudança na relação, neste caso, levou a algo positivo, uma aproximação mais afetiva dos cônjuges.

A narrativa se passa no período em que Ernestina tem apenas 36 anos de idade e é notável, em diversos aspectos da obra, seus anseios individuais, como ver-se arrumada, elegante, viver um novo amor, sair e ter amigos, entretanto, todos esses desejos são, em grande parte do enredo, reprimidos. No momento em que é anunciada a chegada de Luciano a cidade, inicia-se na mãe um dilema, onde ela, inegavelmente, sentiu-se tentada em ir atrás de reviver um romance adormecido, mas isso resulta na sua “falha” como mãe:

A volta de Luciano reavivava-lhe a imaginação. Desde a morte do marido que procurava estiolar, ressequir o seu coração de moça. O seu egoísmo maternal absorvia-a toda; não se daria a ninguém, não roubaria a filha nem um dos seus afagos, nem um único dos seus pensamentos e dos seus cuidados. Pela sua idolatrada Sara deixaria queimar seu corpo, cegar seus olhos e despedaçar seu coração. (Almeida, 2019, p.12)

Nesse recorte do livro fica explícito como se dá a lógica da identidade materna, pois a ideia de um novo amor, ao seu ver, implicaria em de ceder a uma ambição própria que poderia diminuir a idolatria que prezava por ter para com sua filha. Apesar de ser descrito como um sentimento pessoal, pode-se deduzir que este é um pensamento condicionado pela estrutura social da época.

Conforme Maldonado (1989, apud. Kimura, 1997, p. 342), a principal tarefa de uma mulher que se tornou mãe recentemente é a de “forjar uma identidade de mãe que lhe seja própria”, assim, portanto levando-a a reproduzir as expectativas

empregadas nela desde sua infância. Consoante a isso, a figura que, geralmente, mais se aproxima de um “ideal” é a própria mãe dessa mulher, portanto, há também essa influência no processo de construção dessa identidade.

Como já discutido no capítulo anterior, sobre o sistema patriarcalista, podemos associar isso a afirmação de Perrot (2005), onde entende-se que a mulher deve se desenvolver para satisfazer, após o seu marido, as demandas de seus filhos, e qualquer desvio desse padrão deve ser discriminado, excluído e combatido. Nesse sentido, a ideia de quebra desse modelo associa-se ao rompimento de sua identidade como mãe, como se o amor romântico com alguém fora do grupo familiar biológico não pudesse nascer e se desenvolver de maneira paralela ao amor materno, mesmo que compreendendo que cada um carrega suas particularidades.

De acordo com Kimura (1997), no plano psíquico das mulheres que recém têm filhos ocorre um processo em que elas revivenciam sensações que remete a sua própria experiência infantil de dependência e fragilidade, isso é apontado na obra, quando o narrador explica sobre a forma como o nascimento de sua filha influenciou em seu modo de viver “se não tivesse tido a filha, talvez que a própria comodidade em que vivia imersa a tivesse feito procurar os gozos efêmeros da sociedade, mas a sua pequenina Sara prendia-a ao deveres da casa, preocupando-a muito...” (Almeida, 2019, p. 17)

Até então, portanto, é possível identificar três principais fatores de influência na construção da identidade materna segundo os autores revisados: a sociedade, que pode ser vista como um “guarda-chuvas” das seguintes, visto que esta diz respeito aos costumes e tradições estruturados em um sistema patriarcal que deixa marcas em cada indivíduo que está inserido nela, sendo assim, é a razão das próximas serem, também, tão influentes; a mãe dessa mulher, que, por vezes, é tida como exemplo a seguir; e por fim o próprio filho, que é visto como reflexo de si.

A partir desse entendimento, cabe agora, aprofundar nessa ideia de reflexo de si na relação mãe-filha. Mais adiante, a história se desenrola com Ernestina aos poucos se rendendo ao amor que sente por Luciano. Com isso, a presença do amante em sua casa, eventos sociais e demais ações cotidianas, torna-se mais frequente.

O desafeto que o homem tinha para com Sara se esvai, reciprocamente, visto que a senhora obrigou ele a se entender com a menina, no entanto esse relacionamento ficou próximo a ponto dele se ver como “seu protetor e o seu guarda,

num zelo mais que paterno” (Almeida, 2019, p.85). Assim, aos poucos constitui-se um triângulo amoroso em que mãe e filha estão apaixonadas pelo mesmo homem, que se vê apaixonado pelas duas.

Então, no dia em que Ernestina finalmente permite, a si e a Sara, ir a um grande baile de máscaras organizado por uma família de grande prestígio social, ela começa a perceber certas atitudes que fogem do esperado entre sua filha e seu pretendente. Ao chegarem na festa, a menina pergunta a Luciano sobre sua aparência que responde que ela estava linda, “Ernestina ouviu tudo imóvel, sentindo um calafrio percorrer-lhe a espinha. Luciano não desviava a vista da cabeça loura da filha, onde flutuava a ponta de um lenço de seda vermelha.” (Almeida, 2019, p.84).

A partir de então a mãe trava uma espécie de “guerra fria” com a filha, onde a conquista seria de Luciano. Ela organiza uma reunião com ele para preparar um casamento para a filha e declarar seu amor sincero e intenso e desejo por firmar um matrimônio que, se não fosse por sua partida, já teria acontecido anos atrás, e mesmo na indecisão ele concorda com o plano. É aí, então, que toda identidade construída por anos, seguindo todos os modelos e superando expectativas, cede espaço ao primeiro desejo individual de Ernestina.

Então, para a surpresa da mulher, Sara, sua filha, confessa o amor que tem por seu amado, descrente e esperando que o que ela sempre fez por sua criança fosse retribuído, ela suplica:

Eu também o amo, Sara, eu também o adoro. [...] Escuta! Para ti ele é um amor que começa, um capricho de criança, talvez que se apagara depressa; e para mim ele é a vida, toda a minha mocidade. Eu era ainda mais nova do que tu e já o amava! Abandona essa ideia! Tens um futuro tamanho!... Amarás depois outro homem, mais novo, mais belo, mais digno de ti! Eu é que estou no fim... eu é que já não tenho esperança e que morrerei se ele me desprezar! (Almeida, 2019, p. 97)

Assim, podemos retomar a ideia dos três pilares para a construção da identidade, focando no que diz respeito à relação de identificação de mãe com seu filho. Nesse caso, Ernestina tinha esse vínculo com sua filha e, portanto, sua súplica para que ela deixasse de lado seu amor por Luciano, foi em virtude de achar que todos esses anos dedicados a menina seriam reconhecidos com a repressão de seus sentimentos, como um reflexo do que a mãe sempre fez por ela.

Nesse momento, Sara apenas ignora a mãe e, ao fim do monólogo dela, fecha-se em seu quarto. Em parte a súplica da mulher surtiu o efeito desejado, os sentimentos da filha mudaram quanto a Luciano, porém eles eram agora de ódio,

entretanto, isso se estendeu a ela, a menina mudara sua visão, ambos agora eram representações de traidores de seu amado e falecido pai.

A angústia e tristeza atingiram a moça de maneira tão brusca que pouco tempo depois ela ficou doente, e em uma troca equivocada de remédios para seu tratamento, sem intenção a mãe deu a ela um que quase a levou à morte. Sara teve uma febre intensa que afetou seu cérebro, comprometendo suas funções cognitivas.

Pouco a pouco a viúva foi percebendo a verdade; a filha não morreria... mas estava idiota! Ao redor dela, todos os calados esperavam uma cena em que a dor explodisse em gritos, ou a abatesse em um desmaio. Nada! A viúva achava, apesar de tudo uma consolação. A filha vivia e, idiota embora, respirava e deixava-se beijar! Estava nisso seu resto de ventura materna! (Almeida, 2019, p. 125)

Mais uma vez, Ernestina, em uma subjetiva e inconsciente tentativa de quebra de padrões impostos pela sociedade, nesse momento quanto ao modelo de maternidade, perde a “luta” e acaba por voltar ao ciclo: viver, única e exclusivamente, para sua filha e casa, não cedendo a um amor romântico, amigos, saídas e qualquer possível interação despreziosa com qualquer um que saia do seu convívio no lar.

Além disso, deve cultivar um luto eterno por seu marido e agora revivê-lo com sua filha, que, apesar de viva, foi afetada pela sua tentativa de fuga desse sistema patriarcal. Afinal, é isso que se espera de uma mãe viúva: anular-se, ser invisível, viver sob uma identidade resumida a sua maternidade e viuvez.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o principal intuito de analisar como a estrutura social patriarcal influencia na vida da mulher, visto que elas são as maiores prejudicadas nesse sistema, a partir da perspectiva de Ernestina, personagem protagonista do livro de Júlia Lopes de Almeida, *A viúva Simões*. Ao longo desta pesquisa, foram explorados diferentes aspectos e considerações significativas emergiram das análises realizadas.

Antes de apresentar, em síntese, as considerações a que este estudo levou, é válido ressaltar que seu foco foi destacar a experiência feminina em relação à sociedade do século XIX. Por essa razão a perspectiva de personagens masculinos foi, na medida do possível, descartada, por não contribuir para os objetivos.

O primeiro ponto a ser tratado diz respeito ao narrador e como a autora utiliza desse elemento narrativo para transitar em diversas percepções a serem percebidas

no decorrer do enredo. Almeida opta por escrever com auxílio de um narrador observador, que se caracteriza por ser onisciente e onipresente nas obras. Assim, em determinados momentos ele apresenta os fatos de maneira imparcial, entretanto, em vários outros a autora utiliza-se dele para vincular os pensamentos e expectativas sociais sobre o ser feminino ou lapsos da consciência e sentimentos da viúva Simões.

O segundo ponto analisado no presente trabalho, foi percebido que em diversos momentos a personagem em pauta apresenta comportamentos que não condizem com o esperado e em todos essas consequências graves acontecem. Isso é uma forma de crítica ao sistema patriarcalista, que condena aqueles que fogem de seus comandos, como se seus atos "falhos" voltassem contra ela, a punisse por ser e viver como bem entende.

Por fim, a resposta ao título desta monografia: o patriarcado deixa diversas marcas dolorosas e traumáticas na vida de Ernestina Simões, no entanto a mais forte e a invisibilização da mulher que se dá pelo julgamento da sociedade e afeta também a percepção dela de si. A análise foi feita a partir de uma narrativa que se passa no século XIX e, atualmente, dois séculos depois, é possível perceber tantas semelhanças em nosso meio.

É de conhecimento geral que a literatura apresenta recortes da sociedade, o que a torna um objeto de pesquisa científica muito rico. A viúva Simões é uma obra que aborda diversas situações cotidianas de uma sociedade do século XIX, então, alguns desses momentos são marcados por características de uma cultura patriarcal, estrutura essa que tem grande influência no desenvolvimento da personagem Ernestina do romance, portanto merece atenção e discussão.

Sendo assim, a reflexão acerca do patriarcado é de urgente e extrema importância para construção de uma sociedade mais justa e igualitária, já que nesse sistema o feminino é entendido como submisso ao masculino, ou seja, é aceitável - e até aclamado - que o homens sejam tidos como superiores em relação ao ser feminino.

Ainda, é justo que se fale sobre o interesse do pesquisador que irá desenvolver o trabalho. Além do estudo contribuir para formação intelectual e profissional, por consequência servindo como método avaliativo para aprovação e conquista do título de licenciada em Letras, a estudante responsável tem interesse

no que diz respeito à área de estudos sociais e representação feminina dentro da literatura.

Vale ressaltar que essa pesquisa contribuirá para o progresso social, visto que a reflexão sobre o assunto tem um papel fundamental para mudança. Além disso, será relevante para o acervo de estudos na área da literatura brasileira de autoria feminina, mais especificamente, promovendo o trabalho da escritora Júlia Lopes de Almeida.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessária a releitura do livro *A viúva Simões* e, de maneira paralela, uma revisão de literatura, contando com autores que tenham trabalhos publicados relacionados ao tema, sendo feitos também fichamentos de cada um desses textos. Com esse aporte teórico foi iniciado processo de escrita do trabalho, tendo em vista garantir que os principais pontos de base da pesquisa tivessem embasamento científico, dando, assim credibilidade ao estudo. Por fim, foi feita a análise crítica, quase como uma “costura” dos assuntos.

Desta forma, foi utilizado o método qualitativo para essa produção que, segundo Gil (2002) é "uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório".

Assim, é possível afirmar que esta é uma pesquisa básica, tratando-se de análise literária com foco no comportamento de uma personagem em específico - Ernestina - como forma de buscar a comprovação de um fenômeno social - o patriarcado - que se perpetua durante a história, sem a pretensão de analisar, de fato, dados provindos da aplicação dos resultados desse estudo.

Consoante a isso, o trabalho teve o objetivo de expor uma visão mais aprofundada das influências do patriarcado na protagonista do livro *A viúva Simões*, a partir da constituição de hipóteses e conseqüentemente, apresentando evidências sobre o tema, são essas características que, segundo Gil (2002), definem uma pesquisa de caráter exploratório.

Portanto, compreende-se esse estudo como pesquisa bibliográfica, tendo em vista que, para sua realização serão utilizadas fundamentações teóricas que

retratam questões de diferenças entre gêneros, construções sociais, relações familiares e os discursos, sendo esses temas advindos de materiais acadêmicos - tais como, leitura de livros, artigos científicos, monografias e outros - de estudiosos como Saffioti (2015), Xavier (2006), Perrot (2005), Tamba (2015) e Trindade (2017).

Em suma, esta monografia representa um esforço significativo de pesquisa e análise, e seus resultados têm o potencial de influenciar a forma como compreendemos a relação entre literatura e realidade, relacionando a estrutura patriarcal apresentada no enredo de Almeida com a sociedade e as marcas que esse sistema deixa, especialmente, na vida das mulheres dentro e fora da narrativa.

O desejo é que este estudo contribua para o avanço do conhecimento nesta área e inspire pesquisadores futuros a explorarem novos aspectos desse tema. Por fim, encerro esta monografia com a esperança de que ela tenha sido uma contribuição valiosa para a comunidade acadêmica e um passo inicial em direção à evolução social e aprofundamento do entendimento sobre as marcas do patriarcado e a maneira como a literatura representa a realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A viúva Simões**. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas

HOLLANDA, Heloisa. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JUNIOR, Ana Caroline; MELO, Carole; DIANE, Viviana. **A sociedade patriarcal e a opressão da mulher: uma mirada sobre as personagens femininas em *O primo Basílio***. Revista Água Viva, vol. 6. 2021

KIMURA, Amélia. **A construção do papel de mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno**. São Paulo: Revista Escola de Enfermagem USP, vol. 31, n. 2, p. 339-343, 1997.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. SciELO, 2006. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>> Acesso em: 25 de abr, 2023

NASCIMENTO, Patricia. **Júlia Lopes de Almeida: conheça a história da primeira mulher da ABL**. Biblioteca Setorial do CECULT - UFRB, 2021. Disponível em <<https://ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/334-julia-lobes-de-almeida-conheca-a-historia-da-primeira-mulher-da-abl>> Acesso em: 07 de set de 2023

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

POSSAS, Lídia. **Viuvez, gênero e oralidade**: recuperando os sujeitos invisíveis nos “anos de chumbo” (Brasil, 1970-1980). História Oral, v.12, n. 1-2, p. 87-102, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

RIBEIRO, Raisal. **Feminismo: o que as feministas querem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Feminismo Literário, 2021

SHARPE, Peggy. Julia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. **Escritoras Brasileiras do século XIX**. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2004. p. 188-238.

TAMBA, Nahete de A S. **Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em o país**. 2015. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

TRINDADE, Marina; CARDOSO, João. **A mulher na sociedade e sua representação na obra A viúva Simões**. Centro de Recursos Computacionais, Catalão, 2017.

TUMELERO, Naína. **Um guia rápido sobre metodologia da pesquisa**. Mettzer, 2019. Disponível em <<https://blog.mettzer.com/metodologia-de-pesquisa/>> Acesso em 10 de abr, 2023.

XAVIER, Elódia. **A representação da família no banco dos réus**. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1013>. Acesso em: 11 de abr. 2023.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009